

Trebaruna. Deusa da casa e da família na mitologia lusitana. Deusa da guerra e da morte. A esta deusa terá orado Viriato, símbolo maior da resistência lusa. Nesta deusa nos inspiramos. Apostamos no melhor da literatura nacional, nos autores por descobrir. Aqueles autores que ficam. Não nos interessa o mercado do *mainstream*, regido pelos *best-sellers*, os livros de rápida rotação e os escaparates comprados a metro. O trabalho com o autor move-nos. E só atendemos às necessidades do leitor exigente. Não seguimos o engenho ruminante que alimenta a indústria do livro. Prestamos culto ao livro. Trebaruna é o regresso ao essencial.

MARIA SARAIVA DE MENEZES

HISTÓRIA NUM COPO D'ÁGUA



Trebaruna

Outubro de 2025

FICHA TÉCNICA

Título: História num copo d'água

Autor: Maria Saraiva de Menezes

Coordenação editorial: Arlete Gomes

Edição: Arlete Gomes

Revisão: Cristiana Vieira e Arlete Gomes

Artista de capa: João Rodrigo Carvalho

Composição: João Rodrigo Carvalho

ISBN: 978-989-9256-12-5

Este livro foi composto pelos tipos:

Palatino Linotype e Rakkas

©2025 Grupo Editorial Divergência

©2025 Maria Saraiva de Menezes

©2025 João Rodrigo Carvalho

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Grupo Editorial Divergência

Centro de Negócios de Ansião, Gabinete 8

Parque Empresarial do Camporês

3240-465 Chão de Couce

Portugal

Website: <https://divergencia.pt/>

E-mail: geral@trebaruna.pt

Telefone: 928 155 850

A autora escreve de acordo com a ortografia anterior a 1990.

O Grupo Editorial Divergência e Edições Trebaruna são marcas da DNL Convergência, Lda.

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.



**Financiado pela
União Europeia**
NextGenerationEU

**Histórias curtas que prometem fazer
tempestade num copo d'água**

"Mariana não sabe que morrerá esta tarde. Para já, acordou toda stressada, stressando o marido e a filha de 5 anos que nem sabia o que era o stress. São sete da manhã. É a última vez que Mariana toma o pequeno-almoço; não voltará a fazê-lo daqui à eternidade, mas toma-o a correr porque já está atrasada. Mariana está atrasada para a morte. Corre para morrer mais depressa, ao fim da tarde. É preciso deixar a criança na creche, para morrer. É preciso deixar o jantar feito, para morrer. É preciso telefonar à D. Lurdes para lhe dizer que engome as camisas do Zé, antes de morrer. Chegada ao trabalho, é preciso fazer todo o serviço e não deixar nada por fazer, antes de morrer. Mariana almoça e não sabe que o faz pela última vez. Se soubesse que ia morrer nesta tarde, talvez voltasse à creche para se despedir da filha. Talvez desse um abraço apertado ao Zé. Talvez ligasse à mãe. 17 horas. Faltam 15 minutos para Mariana morrer, embora ela não o saiba. Pica o ponto, sai a correr, torce o pé com o salto alto na calçada. Recompõe-se, faz-se à estrada para ir buscar a miúda. Não sabe como foi esmagada naquela marcha-atrás. Não viu o camião que descia a rua, a grande velocidade. O camionista, em choque, também não a viu sair do estacionamento. Mariana nunca mais voltará a estar viva. A morte é uma maçada. Havia tanto que fazer. E agora, o que será o jantar?"

Maria Saraiva de Menezes, *História Numa Garrafa* (Tecto de Nuvens, 2018)

Foi com esta micro-história que a “História numa Garrafa” irrompeu pelo mundo das redes sociais em 2015, publicada posteriormente em livro, com mais 1094 histórias, em 2018.



A tia Adelaide convida-nos para tomar chá. É uma coisa muito dela, muito burguesa. Chá e bolinhos, como não podia deixar de ser, e sandes aparadas à inglesa, em prato de três andares. Todo este ritual reflecte a estrutura mental da tia Adelaide. O seu mundo podia ser explanado em pratos de três andares de porcelana inglesa com rosas a desabrochar em cores gritantes. Tudo grita neste falso ritual de calma e fruição. Hoje, a tia enrolou uma torta de laranja. Ela não precisa de o dizer, mas esta é uma mensagem bem clara sobre o seu estado emocional. Torta. Ao apontar para a torta, “vês, filha, tão bem enroladinha e leva muito ovos, olha que amarelinha está”, a tia está a dizer-me “preciso de açúcar para a veia e de distrair a mente para não me enfiar numa linha de comboio”. É isto o chá em casa da tia Adelaide, um filme de terror. Uma viagem no comboio dos horrores numa feira popular decadente. A tia avança então com a faca, e as lágrimas rolam-lhe para dentro, tão inglesas quanto a porcelana. Sinto a sua alma gritar de dor enquanto corta a ansiedade, às fatias. Serve fatias generosas de ansiedade com *crème fraîche* porque os bons termos da *pâtisserie* dizem-se em francês. Provo a minha fatia generosa de ansiedade com natas e sei que a tia está perdida. Aquele é o seu grito de dor. Clama por misericórdia enquanto serve chá Darjeeling.



“Quando estavas vivo, eu costumava tirar-te fotografias. Olhavas e sorrias, e os teus olhos abriam-se como se abrem para a luz os olhos dos vivos.

No dia em que morreste e te vi estendido com os olhos fechados, pensei que já não serias fotogénico nem sorrias para mim através da câmara.

Ocorre-me agora que só os vivos ficam bem na fotografia. Costumava fotografar-te em poses informais e inusitadas, naqueles dias de praia ou tardes na esplanada. Às vezes, não querias e sorrias de lado, como quem foge, e eu fotografava-te na mesma. Vejo agora como ficaram bem essas fotografias em que querias escapar, estando ainda bastante vivo para seres abundantemente retratado.

Os teus olhos de vivo tinham essa luz e profundidade a que já não será possível voltar, agora que lhes deitaram terra por cima e o trabalho dos vermes será meticuloso e dedicado. Gostava de os ver uma última vez, os teus olhos, as tuas pálpebras erguendo-se devagar, as pestanas levantando como plumas de ave, os teus olhos esverdeados e líquidos escorrendo vida para o nosso momento. E depois, o teu pestanejar como quem acena para a vida. Já não cabemos juntos no mesmo quadrado da objectiva nem naquele quadrado maior onde nunca nos sentíamos apertados.”



É Natal. Os Esteves sentam-se à mesa para o tradicional ritual de tortura familiar. Elvira não suporta o confronto visual com o marido, a disputa de doces tradicionais com as cunhadas e o despique surdo e sórdido com a sogra. Mas é tudo pelo amor aos netos e ao menino Jesus. Elvira bufa como quem urra, mas fá-lo para dentro, e de cada vez que vai à despensa buscar qualquer coisa de que se esquece a meio do corredor. Júlio, o marido, bate na barriga com satisfação “Ah, esta postade bacalhau!” E arrota com espalhafato e cheiro a couves. “As couves da Arminda estão boas, não estão?” afirma a sogra, como quem pergunta. “Boas, boas!” confirmam as cunhadas. Elvira pondera sempre entre o suicídio e o homicídio, mas só nesta data especial de amor e paz no mundo. Júlio quer mais pudim: “Mais pudim!” E Elvira alcança a faca de desossar o peru, afia-a bem na cozinha, com os olhos brilhantes de lágrimas de raiva e frustração. É Natal e os anjos entoam cânticos de amor, sobretudo os filhos dos vizinhos do andar de cima que gritam e correm pela casa, como marteladas de sapatadas, mas também os filhos de Elvira e Júlio, esses anjinhos que se pegam por causa da consola de jogos. Houvesse um comando para cada e eles ainda se pegariam. “Os teus filhos são uns mimados malcriados” diz a sogra. “Estas crianças precisam duns bons tabefes” dizem ao mesmo tempo, as cunhadas--gémeas-sem-filhos. “Calai-bos, carago”, grita Júlio. E sente-se no ar o cheiro de arroto a bacalhau com alho.”



Entra em casa, tarde como sempre. Abre a porta e estranha o silêncio. Dantes, ouvia de imediato a música, o aroma a comida quente a abraçá-lo desde a cozinha, o cântico da mulher e da filha, a ecoar desde a sala. Desta vez, o silêncio. Entra e fecha a porta. Não chama por ninguém. Pressente que não haverá resposta. Sente o estômago a afundar-se com angústia, no vazio. Engole em seco. A casa está estranhamente despojada e as paredes estalam de dor. Ana e a filha já não estão ali. Rudolfo larga a mala e senta-se no chão. É ali que ficará a chorar durante horas, dias, meses. Por enquanto, senta-se em silêncio e com a ténue esperança de que tudo não passe de um equívoco. O silêncio trepa-lhe pelo pescoço e sufoca-o com mãos de estrangulador. Ao fundo, no quarto de casal que agora é de solteiro, uma mala pequena aberta na cama, roupas desalinhadas pelo chão e o candeeiro tombado por cima de um par de botas. Eis que se comprova o abandono. O marido dá um passo para fora do seu estado de marido e avança para o quarto da criança que não ajudou a criar, que nunca levou à escola ou à natação, nem às aulas de violino, duas vezes por semana, ao sábado de manhã. A culpa sabe a leite coalhado na boca, aflora a glote em catadupa, e ele corre para a retrete para vomitar. Rudolfo vomita-se a si próprio, e para isso, não há probióticos que ajudem.



Quando se sente sozinha, Cassandra busca companhia na morte do pai. Considera-a uma personalidade forte, pelo espaço emocional que conquistou na sua vida. Sente-se mais que preenchida e perfeitamente acompanhada quando evoca a morte do pai para lhe fazer companhia. Sentam-se as duas, então, no sofá a conversar, tomam chá e torradas, discutem e choram um pouco, para não destoarem do tema. É uma companhia triste, bem entendido, mas há ali também umas notas de acerto de contas, um breve aroma de chantagem emocional e um pequeno desejo de vingança. A morte do pai fala pouco, mas tem muito a dizer. Cassandra serve-lhe mais uma chávena de chá, mas cedo parte para o uísque quando a noite ainda é uma criança. Antes da meia-noite, Cassandra e a morte do pai estão já envolvidas num conflito aberto, até que gritam exigências de tréguas. Não são coisas que se gritem e elas sabem-no, e depois atiram-se à cara, mutuamente, todos os segredos sórdidos e mais algum. Fazem-no só para se levarem ao limite do cansaço. Nessas noites, Cassandra está febril e doem-lhe as pernas, como que a pedir cama. Acabam as duas enroladas pela madrugada fora, entre suores frios e desolação. A morte não é boa companhia, mas a verdade é que Cassandra prefere estar a sós com ela. Sabe que nunca se hão-de entender e, por isso mesmo, a convida a passar alguns serões, sem compromisso. Chorar os mortos é sempre mais irreversível do que chorar os vivos. A morte sabe disso e aproveita-se. É um bom estado emocional para sábado à noite, embora a morte tenha sempre os braços gelados. A água para o chá já ferve, outra vez.



Foi no copo-d'água de Tobias e Afonso, os filhos gémeos que deram o nó em simultâneo com outro par de gémeas, que Assunção levantou a taça de *champagne* para brindar, virada para o marido, com quem celebrara as bodas-de-prata, no ano anterior. Perante uma sala repleta de 75 convidados, anunciou: “(o microfone está ligado?) Álvaro, ouve bem, a minha missão aqui está cumprida, por isso, anuncio o meu pedido de divórcio, com efeitos de separação, hoje mesmo.” Engasgado com a casca da cauda do camarão em molho de coquetel, Álvaro é socorrido, de pronto, com a manobra de *Heimlich* pelo chefe de sala que tinha formação para tal, além do uso do desfibrilhador, e psicologia de bolso para crises de pânico e ataques terroristas. Um silêncio sepulcral toma conta da sala. Em seguida, ouve-se o riso sardónico de uns adolescentes, ao fundo. Depois, cham “xius” de mães mandando-os calar.

Assunção bebe o *champagne* dum trago, francês, sublinhe-se, mas isso já não interessa, pois renuncia ali ao luxo, aos bens materiais e às conveniências sociais, abraçando em definitivo a sua liberdade. Sai antes mesmo de abrir o baile, descalça e dona de si própria, dançando pelo corredor fora.



Já há muito que fumava e desconfiava que tinha alguma coisa. Era aquela sensação de peso no peito, um arfar para lá do que era normal. Sabia que não devia ter fumado tanto, a vida toda, mas agora devia ser tarde demais. Sabia que tinha um cancro. Ou seria o cancro que o tinha a ele? Sentiu medo quando entrou no consultório do Dr. Isqueiro e este lhe disse:

— Sente-se, Sr. Cancro.

O cancro sentou-se, desconfortavelmente, e quase teve vontade de puxar de um cigarro, tal era o hábito. Mas conteve-se e perguntou:

— É grave, doutor?

— Olhe, pelo resultado dos exames e, muito concretamente, por esta micro, não tenho dúvidas em afirmar que...

— Que o quê, doutor? Por favor, não me faça sofrer mais...

— É nítido que o Sr. Cancro tem um homem nos pulmões.

Nesse instante, o mundo desabou sobre o cancro. Sabia que não tinha tido uma vida saudável, quase não praticara desporto e aproveitava todas as pausas para ir fumar um cigarrinho na varanda. Tinha agora chegado ao fim da linha. Tinha um homem nos pulmões e teria de ser operado para o remover. Provavelmente, teria metástases de toda uma humanidade espalhada pelo organismo. Sabe-se como são ruins os homens nos pulmões. Talvez não voltasse a respirar. Talvez morresse de demasiada humanidade. Era ali e agora, naquela encruzilhada da vida que o cancro com homem ia dar verdadeiramente valor à vida.



“Em tempos que seriam os da tua infância, iríamos ao parque para tu trepares à teia gigante e eu sentar-me-ia num banco a observar a tua felicidade. Atrás do banco, haveria uns troncos gigantes cortados e eu diria: «Olha, um cavalo!» E tu sorririas, a olhar para mim. Então, correrias para os troncos para iniciar uma cavalgada sem igual. O meu peito rebentaria de felicidade e eu diria «Senhor cavaleiro, tome o seu chicote». E passar-te-ia um ramo arqueado, perfeito para tocar o cavalo a galope. Tu encarnarias a personagem das histórias que eu te lia, à noite, desde tempos imemoriais, e gritarias «Eia! Eia! Vamos ter com os nossos amigos índios.» E desatarias a bater com as pernas no tronco, cavalgando a toda a velocidade. O meu coração cavalaria contigo nesse dia luminoso, até acordar noutra dia em que já eras adulto. Tu eras o meu sonho de filho, o meu cavaleiro da luz. Hoje, sentei-me no banco, ao lado do tronco vazio. Está seco e chora como uma pessoa. As tuas pernas cresceram para montar outros cavalos e já não cavalgam por aqui. Um filho que cresce é sempre um cavalo à solta na memória da mãe. Salta alto, pequeno índio. Não te rendas.”



Não queríamos ser snobes nem arrogantes, mas a verdade é que tínhamos um certo sentido de *finesse* que nos tinha sido inculcado, desde sempre, através da elegância dos gestos da nossa mãe. Éramos naturalmente delicadas, sensíveis, e por isso, a par do choque de a mãe nos apresentar um padraço com sotaque transmontano e modos rudes, a sua figura arrepiava-nos pela espinha acima. Era uma situação superior a nós, mas a forma alarve como Aníbal sorvia a sopa e o chá, colocava-nos numa posição de desconforto para lá da tolerância que tínhamos com todas as formas sociais de ser. Era intragável saber que a mãe dormia com aquela figurinha que empinava o dedo mínimo e espetava o bigode, enquanto tentava uma posição de equilíbrio entre o erguer da xícara e o compor a pança. Sim, Aníbal tinha pança, da mesma forma que havia de ter cascos, focinho e cachaço. Aníbal era um bronco e a mãe queria que ele fosse o nosso novo papá. Por isso, indignou-nos a zanga da mãe perante a nossa gargalhada descontrolada face ao sorver energúmeno do chá quente, acabado de despejar no pires para mais rápido arrefecimento. Aníbal era um pragmático. E um bronco. Aníbal era o nosso novo papá. E um bronco. Aníbal seria o marido da nossa mãe. E um bronco. Percebemos que afinal éramos ‘muito finas’ quando ele abria a boca profana para dizer que a marmelada lhe dava gases ou enumerar quantas vezes tinha ido à casa-de-banho depois de uma lauta feijoada com tripas. Com o seu pequeno negócio de loja de ferragens e serviços de desratização, Aníbal era para nós uma anedota, uma ofensa, um desastre. E a mamã amava-o com todo o seu desespero de não continuar viúva.



Por mais inacreditável que lhe pudesse parecer, Carla já chorou a ver arte, soluçou a ouvir música, gritou a dançar, riu a ler. É verdade, num mundo em que a maquinaria tudo domina, o dinheiro refreia emoções, a estupidez grassa sem graça, Carla chora perante a obra de arte. O poder absoluto da emoção estética é violento e erótico, arranca dores de prazer e ainda devolve espasmos a um corpo que se anima pelo espírito. Carla não está tão morta quanto pensava. Ainda mexe, ainda reage, ainda é capaz de se comover perante a manifestação do belo. Em pleno concerto musical, numa noite improvável, abriu as torneiras e deixou-se levar em braços pelo caudal lacrimal. É então que mescla estilos inconciliáveis, chora e ri, soluça e gargalha, solta-se e mergulha na intimidade. Sente-se viva porque ama e sente pulsar dentro de si, a razão mais pura que levou o artista a criar. Essa razão pode muito bem ser deus, e a emoção que sente, a epifania. Eis como alcançar o divino num simples golpe de asa.



Sentou-se ao balcão do bar do restaurante, perna torneada, meia de *nylon* preta. Júlia sente-se sedutora e logo interessou o cavalheiro a seu lado que lhe acendeu o cigarro e ofereceu uma bebida. Não se fez rogada, afinal, a vida é para ser gozada. Deita a cabeça sobre o ombro desnudo, atira o queixo para cima, numa gargalhada lânguida, pisca as longas pestanas carregadas de rímel negro e sorri. Júlia está feliz a fazer um número espalhafatoso. Depois, vira-se para o cavalheiro e diz: “Sabe que estou aqui ao seu lado só para fazer ciúmes ao meu marido, não sabe?” O homem empalidece, gagueja, sente a língua seca no palato e perde o brilho no olhar. Júlia continua o número lânguido, cabeça para o ombro desnudo, perna alongada, sorriso sedutor. César aparece espavorido no bar. Puxa-a com firmeza. Manda-a imediatamente para a mesa. Júlia resiste, ri forçadamente, alça as ancas como que a levantar-se, depois de agarrar no copo e beber até as pedras de gelo tilintarem no cristal, como uma música irritante. Depois, cambaleia até à sala de jantar, seguida de César. Nem olha para trás. O homem do bar é só um homem do bar. Está louca de desejo pelo marido que a resgatou tão virilmente. Antecipa já a noite de sexo louco e sem limites, tão a gosto das suas investidas para lhe fazer ciúmes. A noite promete.



“O demónio da moça não serve para nada”, “pensava a minha avó de mim porque eu não era dada a labores nem à cozinha”. “A cachopa saiu-me uma ‘maria-rapaz’, está bonito, está, não há-de dar grande coisa. Só dores de cabeça!”

“E depois, a minha mãe que não estava ali para me salvar”, lamentava Gabriela, “para me proteger do ódio entre sogra e ex-nora. Eu era o estilhaço daquele ódio, o incómodo estardalhaço”. “A moça não faz nada de jeito! Passa-me os dias a ler, a ler. Mas o que há tanto para ler naqueles livros amarelados? Só porcarias, Natália Correia, Maria Teresa Horta, a PIDE bem as levou a todas, só porcarias, credo. A moça sai à mãe, há-de ser uma perda!”

“Não condiz consigo, minha menina, não condiz consigo! Uma senhora não se senta assim, uma senhora usa combinação para bloquear transparências, uma senhora não tem ouvidos, uma senhora, uma senhora...”

“A minha avó odiava-me com tanto amor”, reflectia Gabriela, “era um amor-ódio, um ódio ao que eu era e que não obedecia ao que eu devia ser.”

“A menina ‘deve de ser’ obediente! O seu paizinho tem muita razão em castigá-la e bate-lhe para a vergar, claro está.”

“Mas eu só queria trepar às árvores, saltar para a lama, comer dióspiros como o último acto erótico da derradeira infância. E depois, ainda a avó: «A nossa é uma maria-rapaz!»

Eu era ‘a nossa’, a deles, como se estivesse presa a um modelo e não pudesse ser de mim.”



Na curva da estrada, Isabel podia ter encontrado o seu fim, mas anda a tentar encontrar-se para meter um ponto final na dor. Ainda não sabe se é dor de existir ou de medo de morrer, mas a verdade é que sofre, sofre para dar e vender. Anda a chorar pelos cantos, chora a ver anúncios com pais e filhos, chora a pensar na morte e no nascimento. Isabel está entregue à bicharada, dir-lhe-ia a tia Bitá, se fosse viva. Como se não bastasse, voltou a ter ataques de pânico, daqueles fortes em que o coração parece um bezerro à solta, em que acha que vai mesmo morrer, mesmo que saiba que não. Afinal, Isabel está a somatizar, forte e feio, a morte do pai. A verdade é que começou a ter sintomas de morte de pai, como se fosse uma doença. Chora sem aviso nem agravo, tem crises de ansiedade, fica paralisada e geme de dor quando esta é apenas emocional, mas a verdade é que ‘apenas’ é uma palavra subvalorizada. Isabel está entregue à bicharada, diria a avó Elisa, com alguma razão. Tem consciência do seu estado, mas não sabe como sair dele. Não tem 80 euros para pagar a um psiquiatra e o uísque deixou de surtir efeito, até porque o uísque barato já lhe cai mal. Está a somatizar. A morte do pai é o diagnóstico mais certo, diria o psiquiatra por 80 €/hora. Depois, segue-se o historial clássico, o abandono da mãe, as reguadas do professor da primária e os dois primeiros divórcios, antes da viuvez prematura. Isabel sabe que a vida tende para a miséria quanto mais anda para a frente, mas gostava de ser uma mulher pacata



A felicidade existe e não é noutro lugar. Há uma varanda com a bandeira de Portugal e os símbolos de futebol, pendurados. Há um casal que fuma, ele em tronco nu, ela de cabelos longos e desgrenhados com tons precoces de grisalho e restos de tinta vermelha. Bebem cerveja à varanda, no topo do prédio, numa mesinha de vidro improvisada e sente-se que ali estão todas as suas poupanças e algumas dívidas. Falam do alto para a rua, alguém os ouve e responde. Trocam palavras como canções porque é isso mesmo que partilharão mais tarde, quer a selecção nacional ganhe ou perca. Já se adivinham os petiscos, pipis e tremoços, que sabem a iguarias de outro mundo, onde não cabem escandalosas felicidades de camarões, percebes ou lagosta. As batatas de pacote crepitam no calor pegajoso da tarde. Adivinha-se o coito prévio, ante a exibição de masculinidade perante a vizinhança. O peito feito e suado de macho talvez nem se tenha poupado ao grito do guerreiro e feito estremecer os andaimes desde as águas furtadas até ao rés-do-chão, onde mora dona Odete, a ceguinha. Hoje, joga a selecção e Ivone fuma à varanda enquanto saboreia o seu homem feliz. Talvez assim, ele lhe compre aquele vestido de *nylon* com padrão de cerejas da loja do chinês. Acenam aos vizinhos e sincronizam o canal para a hora do jogo, irmanam-se em sofrimento pelo clube e pela nação. É Portugal, está quente neste país do Sul. Ele não usa desodorizante e ela também não, nem sutiã.



“Olho-te e, no futuro, tu já estás morta. Observo-te de perfil, com o cabelo puxado para trás e a boca posta como quem se pronuncia e consigo ver que a tua vida já não existe naquele que é o futuro vindouro. Existes agora, ligeiramente bronzeada, com fome para o almoço, detentora de posses de valor irrisório, e vejo que no futuro nada disso te fará falta porque estarás morta. Vejo-te o queixo de lado e sei que me lembrarei desse queixo, como quem memorizou o perfil dos mortos, aquele que fica nos tempos e se desvanece com o apagar da memória. No futuro, nada de ti existirá e as tuas roupas serão trapos que ninguém quererá usar, por nojo. Não me leves a mal, mas sei que estou a falar com um cadáver adiado e consigo mesmo vislumbrar-te os ossos por debaixo da pele manchada pelo sol. Sei que a vida não está para vivos e, por isso, me desinteresso do que dizes e chego a desviar o olhar quando proferes palavras que seguem o caminho das frases. Falas e nada do que dizes marca a nossa história porque nunca foste a viva que incendiou o seu caminho e a realidade é que o teu tempo está a chegar ao fim.”



Era a pior de todas as noites, aquela em que se apercebera de que não tinha amigos. Deixara de se iludir, de mentir a si própria, de esperar por ocasiões especiais, de avançar pateticamente nessas ocasiões para preencher vazios. O vazio da sua desilusão. Tinha passado toda a vida, dez, vinte, trinta anos a correr atrás das amigas, a combinar coisas com os amigos, a marcar jantares com a família e a fazer almoços para quem julgava importante, a distribuir prendas de Natal e de anos, quando a ela nunca lhe calhara nada. Clara via claramente, a partir do momento em que parou de contactar, de telefonar e de convidar. Nunca mais disse nada a ninguém, como se todos tivessem morrido. Espantou--se, porém, ao constatar que continuavam todos vivos, que andavam por aí e iam a festas, a jantares e a casamentos. Por alguma razão, Clara era transparente, ninguém a convidava para nada, era demasiado clara para ser vista. E então, as semanas passavam penosamente, como numa tortura de sono, no silêncio da solidão. Os domingos asfixiavam-na na miséria de tudo. Um domingo era um dia vazio de mundo. Bem podia esperar e manter a esperança, mas o telefone nunca tocava, a campainha não soava, as palpitações alegres no seu peito tão-pouco pontuavam. Ninguém, não havia ninguém. E, no entanto, tivera uma vida plena de contactos sociais, de colegas da faculdade, de primas e primos, de colegas da escola e da primária até à faculdade do Porto e do Algarve, onde nascera. Mas Clara não tinha ninguém do passado, e por isso mesmo, talvez não viesse a ter ninguém no futuro. Era claro como a água.



Alberto tem uma maneira especial de nunca ouvir Celeste. Quando ela fala, ele divaga com o olhar, distrai-se com as teias-de-aranha do tecto e deixa de a ouvir. Ela está habituada. São casados há 28 anos e ela já encaixou este modo de ele perguntar algo e responder por ela, logo a seguir. Ele tem sempre uma maneira especial de passar por cima dela, de a fazer sentir-se invisível. Não é que não a ame, afinal, fazem amor há décadas na mesma posição e ela parece não se importar. Mas a questão é que ela gostava de não falar para o boneco. Gostava de que, pelo menos uma vez na vida, Alberto a olhasse nos olhos, demoradamente, em silêncio, e a deixasse articular mais de 3 palavras seguidas, e depois então, 3 frases, quem sabe. A solidão de Celeste grita de dor, de cada vez que Alberto chega a casa e pergunta “Então, Ceci, como estás hoje?” E logo a seguir, responde por ela: “Já vi que bem, como de costume”. Não, Celeste não está bem. Celeste precisa de falar com o próprio marido, precisa de ser ouvida, de contar o seu dia e as suas frustrações, mas Alberto não a ouve pois julga conhecê-la bem, demasiado bem para ser necessário ela abrir a boca. Assim, na milionésima terceira noite do seu casamento, Celeste observa o olhar de Alberto a divagar e a afundar-se novamente na televisão para se abster de a encarar, o resto da noite. Ceci começa a desarrumar na estante, sem pensar, o pote verde de ferro-fundido, com as cinzas do pai. O pote está frio como a vida de Ceci. Num reflexo, agarra nele e atira-o, certo, à cabeça de Alberto, que se abre, de imediato, para uma nova perspectiva da relação.



Dava muito poucas vezes a sua opinião. Não é que não a tivesse, mas guardava-a para si, qual tesouro. Sabia que dizer sempre o que se pensa, acaba em luta desigual da razão contra a amoralidade. Pensando que na maior parte dos casos, não valia a pena, Sara calava-se com a razão e dormia tranquila com as galinhas. Não que gostasse de dormir com injustiças, mas repudiava a estupidez humana e tentava gastar o mínimo possível de energia contra ela. Porém, quando rebentava e não aguentava manter a razão dentro de si, Sara era como um fervedor avariado. Deitava fumo, fazia um barulho desconchavado e trepidava. Perdia a compostura no diálogo, não conseguia conversar eloquentemente, antes se engasgava e até se babava de tanta ânsia de falar. Atropelava quem se metia pelo caminho, guinchava, gesticulava como ave de capoeira e, por fim, caía fulminada com enxaqueca, tremores e voz esvaída. Não era dada a orações, discursos e elaborações verbais. Toda ela era fogo, toda era furacão. E as vezes em que se calava serviam para dar ênfase às vezes em que se deixava inflamar pela verve selvagem de soltar as ganas de fazer justiça.



Era um país onde ninguém ia a estádios. As bancadas estavam pálidas da fome do sol e vazias de corpos monocromáticos. O comércio das bandeiras e camisolas dos clubes andava pelas ruas da amargura. O *merchandising* apodrecia nos quiosques. Teias-de-aranha cresciam nos corredores de acesso aos camarotes e à geral. Nas coxias, penduravam-se casacos da equipa de manutenção, e a água ficava estagnada no fundo dos bancos, em forma de homenagem à natureza e aos girinos. Os estádios estavam vazios e os centros comerciais, às moscas. As pessoas acorriam, em massa, aos museus, às livrarias e à ópera. Iam também a sessões de ópera para crianças, orquestras corais e sinfónicas e a todas as temporadas líricas. Era difícilimo conseguir bilhetes senão com meses de antecedência. O povo acorria, com furor, aos recitais, aos museus clássicos e contemporâneos, a exposições de arte e às catedrais onde podiam admirar a mão de Deus através do escopro do homem. Em domingos de eleições, ninguém ia para a praia, em vez de votar. Faziam fila à boca da urna como quem reina. Depois, visitavam os velhos nos lares, levando flores e bolos de arroz. Era um país onde os humanos não eram demasiado humanos e onde se tocava, com um suave piscar de olhos, a essência da divindade.



“Tenho planos para fugir esta noite. Tenho planos para fugir, eu e o meu livro, e sei de um lugar onde seremos felizes. Há muito que premedito esta fuga. Planeei tudo, cautelosamente. Levarei chá num termo para as longas horas de esconderijo. Bolachas, sim, levarei bolachas de água e sal. Talvez uma maçã. Não serei vencida pela fome nem pelo cansaço. Tenho uma velha manta de lã onde me posso encostar e enroscar, se a espera se tornar longa. E que esperarei eu? Pois, que me encontrem. Aos oitenta anos, já não espero muito mais da vida. Fugirei para me poderem encontrar, para finalmente darem pela minha falta. Levo um bom livro. Umas seiscentas páginas devem chegar. De resto, aprendi a esperar como um velho sabe esperar pela morte. Sou uma octogenária invisível para a minha família. Fugirei esta noite para que todos, finalmente, reparem em mim.”



Nina sente um nó de ansiedade no peito que a sufoca. Desde criança que não consegue respirar com leveza. No estômago, forma-se uma bola de aço que a condiciona. Talvez seja mesmo assim, pensa, talvez os outros também não respirem como é suposto respirar. Em Santa Maria, na consulta de psiquiatria, o Dr. Samuel disse que sentirá isso a vida toda, mas não é verdade. Teve períodos em que se sentiu leve. Houve vezes em que o ar lhe entrava pelas narinas e não lhe pesava nos pulmões. Isso foi em momentos em que andava distraída de existir. Nina gostaria de sentir-se leve, talvez a dançar, talvez em fuga ao mundo que a sufoca, mas isso nunca se lhe afigurou viável, sem a medicação. É como estar presa a uma condenação a que todos chamam 'psicológica'. Quando respira, sente uma pata de elefante a pesar-lhe no peito, a esmagá-la. É então que, nos dias mais negros, percebe que devia ter aprendido a chorar, antes de ter tentado acabar com tudo. Devia ter-se libertado da angústia através da terapia trepidante do soluço. Nina tem o rosto seco como um deserto em demasia. E depois, dói-lhe aqui, dói-lhe ali, mas afinal é tudo 'psicológico', dizem. Sabe que não há barras de ferro mais claustrofóbicas do que o seu próprio doer. Vive na prisão de si, ou num pântano de dores, assim como quem se afoga, e afinal, até tinha pé.



Desde que perdeu o emprego, Mário sai de casa, de pasta na mão, como fez toda a vida para ir trabalhar. Não sabe se o faz por vergonha que descubram que está desempregado ou se o faz por hábito. Em todo o caso, o que faria com uma mão vazia? A mão livre serve para tomar a bica, de pé, ao balcão do café. O que faria com o corpo tão leve, de repente? Por mais que se passem semanas e meses sem que Mário consiga arranjar novo trabalho, sai sempre de casa, de pasta na mão. O que diriam os vizinhos, se soubessem? “Coitado, lá vai o desempregado do Mário”. A indignidade das palavras magoa os ouvidos. Tem vergonha, mas sobretudo, medo. Tem medo de que seja como a peçonha que se pega ao corpo. Decorrem as estações do ano e Mário combina a cor castanha da pasta com os sapatos para a chuva, a gabardina e finalmente, a camisa de linho de manga curta. Anda agastado, como quem tropeça, vergado pela procura e a desilusão. Deixou crescer a barba e admira-se que esta esteja grisalha, quase tão grisalha quanto a barba do seu pai quando tinha cinquenta anos. Apercebe-se, de repente, de que tem essa mesma idade com que o julgava velho. Mário não se sente velho, mas sente-se desempregado. Deixou de tomar café para poupar uns tostões. Sempre são 24,50 euros ao fim do mês, isto sem contar com os bolos que também já não come. E lá vai ele, rua afora, pasta a baloiçar, de mão em mão. Perdeu o emprego e a segurança de si. A única coisa que o ilude, agora, é aquela pasta na mão, a baloiçar vazia e a relembrar-lhe de quem foi, um dia.



Temos uma casa em ruínas, dentro de nós. O passado habita-nos e volta, quando menos esperamos. Voltamos ao lugar onde fomos felizes e percorremos o corredor que levava ao quarto dos nossos pais. A ruína passa, então, para dentro de nós e habita-nos. Somos o passado, mas já não o detemos. Nunca a casa perdida foi tão nossa como agora. Ali, onde o passado parou no tempo, fomos felizes para sempre. Ouvimos ainda os gritos, pelo pátio, dos nossos irmãos pequenos, e quase queremos voltar a brincar à apanhada com eles. Mas apanha-nos um nó no peito, sentamo-nos no degrau da escada e choramos. Ali, naquele degrau que levava à cozinha e aos dias felizes, está toda a vida que já não temos. Queremos, então, ser crianças outra vez, roubar aquilo que nos é devido e voar de regresso ao passado. Sentamo-nos no degrau, ao lado da grande varanda, e ouvimos a voz da avó a chamar para o almoço. Depois, sentamo-nos ao colo da mãe e deixamos que enrole os dedos nos anéis do nosso cabelo. Somos a criança que cresceu. Do colo da mãe para a vida, perdemos o essencial. Queremos, então, fazer a maior birra do universo, mas já é tarde. Ficámos de castigo. Fomos expulsos da inocência de sermos felizes.



Ligou para a empresa. Eram 9 da manhã e o certo é que, apesar de se ter levantado às 6:30, apanhado o autocarro das 7:45 e chegado, antes de todos, para acender luzes e abrir janelas no escritório, Lucília ainda não tinha aberto a boca para falar. Ligou para o departamento de aprovisionamento e ouviu, do outro lado, um claro “bom dia, quem fala?” Preparou-se, então, para responder, mas não lhe saiu um fio de voz. Estranhou, forçou as cordas vocais para delas extrair algum som, mas percebeu que não havia ali nada para dar. Tentou então tossir e pigarrear, mas não havia maneira de sacudir uma miadela que fosse da sua cavidade bucal. Começou, então, a cantar, mentalmente, na tentativa de descontrair e obter o desejado efeito sonoro, mas não saiu dali uma única nota musical. Sentou-se, depois de se ter levantado e sentado novamente, como quem está em rítmico espanto. Do outro lado, prosseguiam os “estou, quem fala? deseja falar com?”. Mas Lucília perdera o rasto da voz. Talvez não a tivesse acordado, de manhã, e ela tivesse ficado a dormir, na sua almofada. Quem sabe se quando regressasse a casa, a encontraria muito descansada, entre o edredão e os lençóis. Agora, tinha de continuar o dia sem falar. Estranhamente, de nada lhe servia ter tanto corpo se não tinha voz para o exteriorizar.



Depois da infâmia, continuaremos a sentar-nos à mesa, como uma família como as outras. Depois da mentira ignóbil de alguns membros, continuaremos a dizer “passa o puré”, “passa o sal”, “obrigado”, “obrigada”. Depois da humilhação e da violência verbal, continuaremos a dizer “boa noite, pai”, “boa noite, mãe”, “sim, filho, um beijo”. Seremos a família que sempre fomos, mesmo que tenhamos buracos na alma e a descrença no peito descorçoado. Serviremos salada com desgosto, peixe com desilusão, batatas a murro e alheira-de-cortar-à-faca. Sentar-nos-emos, à mesa, e faremos ruído com os talheres, como se houvesse uma sinfonia de desarmonia entre os nossos silêncios. Depois da desgraça, seremos um só corpo de desconforto. Permaneceremos unidos, como uma massa disforme de mágoa, e então, apesar da desavença, endireitar-nos-emos todos, à mesa, e partiremos o pão.



Dulce nasceu para a separação dos pais. Não chegou a usar o berço que não foi montado pelo pai. Não foi a tempo de usar casaquinhos tricotados por uma avó em funções. Nasceu para o desamor e a distância, a dor e a saudade. Em pequena, gostava de treinar o choro, trancada na casa-de-banho, segundo ela, o lugar mais pequeno do mundo. Os pais eram tão divorciados que Dulce não sabia de que terra era. Não sabia a quem saía. Não sabia por que razão usava dois sotaques para entoar a mesma expressão. Os pais de Dulce eram tão divorciados que o pai não foi ao casamento da filha por a mãe ter ido. A noiva calcorreou as lápides até ao altar, como quem caminha num cemitério de raízes. Aquele era o seu dia especial, o seu momento, e os pais continuavam a vergastá-la com a separação deles. Eram pais tão separados que ela nem sabia bem de quem era filha. Sentia que amar um era trair o outro, e odiar o outro era agradar ao primeiro. Dulce não tinha vida familiar porque as famílias não se davam e não havia Natais nem Páscoas em conjunto. As consoadas eram passadas num quarto de hotel com a mãe, antes de ser enviada de comboio para o pai. Por essa razão, Dulce nunca jejuava, na Páscoa, quando na sexta-feira de cinzas não se podia comer carne, pois o pai comprava-lhe uma sandes de mortadela, na estação, só para contrariar as convicções beatas da avó materna. Os pais de Dulce eram tão divorciados que baralhava. Era penoso ser filha de antípodas, embora a mortadela fosse boa.



Tinha começado a morrer por dentro. Sabia, exactamente, quando. Tinha até hora e dia marcado, às 19:37:09. Tinha começado a morrer por dentro a partir da nuvem negra que o ensombrara. A partir dessa data, tudo o que era certo e garantido como o sol dos dias, tinha-o abandonado. As certezas foram-se, assim como num apagão. Agora, era um homem à sombra da vida. No início, ainda tinha esperança, ainda sonhava com o dia em que alcançaria, com vontade e trabalho, o patamar dos seus sonhos. Mas a desilusão foi-lhe dando uma sova diária, até que não sobreviveu aos hematomas. Primeiro, o sócio que o enganou na empresa e quase o mandou para os calabouços da polícia judiciária. Depois, o nascimento da filha e logo de seguida, a partida para longe, nos braços da ex--mulher. Em seguida, as viagens de avião para a visitar e verificar que a filha crescia irremediavelmente depressa e que, de visita em visita, passava dos vestidos e laços azuis no cabelo para os jeans esfarrapados e casacos pretos de pele com tachas. Por fim, verificar que ele, pai, não era mais do que uma visita na vida da filha, que seria sempre um forasteiro, um visitante, um estranho. Foi num domingo de Agosto, ao fim da tarde, que sentiu a carícia da lâmina na jugular. Aquele toque era o que de mais íntimo havia sentido na vida, nos últimos anos.



Era um palhaço que tinha casado com uma fadista. Ele ganhava a vida a rir. Ela ganhava a vida a chorar. No início do namoro, pensaram que cada um era tudo o que o outro precisava. Ela carecia de alguma alegria na sua vida. Ele precisava de travar aquela euforia desgovernada. Mas com o tempo, veio a revelar-se que não era bem assim. A alegria dele incomodava, interferia na melancolia dela. Por seu turno, o carácter soturno da sua alma, irritava-o. Já não a achava charmosa nem misteriosa. Achava-a uma mona de trombas. E ela achava-o um palhaço risível, que é aquilo que os palhaços são. Para ela, o riso era ofensivo, obsceno, tolo. Para ele, a tristeza era cansativa, desesperante, inútil. No início, a sua boa disposição fazia-a feliz, ou menos triste. Mas ao fim dos sete fatídicos anos da relação, Luna não suportava mais tanta ausência de sentido para a depressão e a nostalgia. O trabalho dela centrava-se e alimentava-se dessa veia. A sua alma bebia dessa mágoa insólita lusitana. Ser alegre sem interrupções era uma avaria do interruptor da alma. Contudo, de forma inesperada, no dia em que terminaram a relação, Fausto desatou a chorar e Luna teve acessos de gargalhada convulsiva. A vida trocara-lhes as voltas.



“Reconheço-o pelo andar. Vejo logo que é ele, à distância, por entre a bruma do fim da tarde. Identifico-o pela forma como se move, mesmo na noite escura, só pelo porte e o embalo que empresta ao volume corporal. Um candeeiro de rua basta para revelar-me uma cabeça que eu conheço bem, mesmo por trás, desde a sua inclinação para a direita até à sua inclinação para a esquerda. Conheço o meu homem-filho-raiz-de-mim, sei ler a sua linguagem corporal. Percebo se está animado, deprimido ou com fome. A metros de distância, sei ver se está mais magro e acciono, de imediato, a minha preocupação intrínseca. A nossa ligação é tão metafísica que sinto o que ele sente e calo o que ele não diz. Sei ler os seus olhos como faróis do único caminho que sigo. Neles está a verdade, a única. Quando algo lhe acontece, não é a ele, mas a mim que acontece. Sei o mundo pelos seus passos porque quero antecipar-lhe a vontade ou acalentar-lhe o estômago e o desconcerto. Um dia, quando o meu radar falhar, significa que já não estarei no reino onde a vida pulsa desde aquele primeiro grito.”



Filipa precisa de vender o passado em mercados ‘vintage’, na feira-da-ladra ou em lojas de usados. Diz a si própria que, contra a dor do passado, só mesmo a compensação monetária, ainda que parca, em troca de ver-se livre desse peso morto. Assim, vende móveis, livros, roupas e artefactos que lhe trazem memórias dolorosas. Todo o objecto é história. E ainda pior, cada peça é emoção, dor, saudade. Portanto, vê-se livre desse complexo sentimental e passa a dor adiante, como quem vira uma página. Vende tralha como quem esquece. Por vezes, deita fora coisas só para se poder ver livre desse mesmo passado. Fá-lo num impulso, como num exorcismo, o que quer que isso seja. Mas logo a seguir, chega o remorso, a dor por ter perdido, irremediavelmente, aquele pedaço de memória. Lança-se, então, numa fúria da busca do objecto amado, receando a fúria do despojamento. Revira tudo do avesso, armários, arrecadação, arcas, gavetas e recantos. Transpira, arfa, sua como um animal acochado pelo arrependimento. Depara-se, por fim, com o vazio. É nesses momentos que prova o amargo da desolação, qual veneno fino. Não há antídoto para os seus erros. Tem sido vítima do seu carrasco interior.



Susette tinha tirado um curso de má-língua, depois de uma formação rude e básica em coscuvilhice-de-bairro-com-as-comadres-da-mercearia. Tinha já metido os papéis para o bacharelato em criticar-a-vida-alheia-e-dizer-mal-por-pura--inveja, mas desejava prosseguir estudos superiores em cortana-casaca-e-mete-a-colher-entre-marido-e-mulher. No fundo, o que Susette gostava era de soltar a língua trapeira, qual trapo solto ao vento, e por vezes, gerar autênticas tempestades e maremotos. O que não se entendia era como uma mulher que nunca lera um livro, na vida, e só via séries sobre *bricolage* e culinária, tinha tanto assunto para triturar no domínio das ciências sociais e humanas, com queda escatológica para o capítulo da ética e da moral. Ela era doutorada jubilada em saber-da-vida-dos-outros, especialista em avaliar--matrimónio-alheio, técnica avançada em meter-se-na-vida de toda a gente e claro, adepta das temporadas de telenovelas mexicanas, brasileiras e provincianas. Mas Susette não se enxergava. Soltava a língua trapuda e peluda, que esgrimia ao ritmo do solavanco dos fartos caracóis, efeito de longas horas com rolos metediços, enquanto discursava ao telefone, por longas horas, com as domésticas do bairro. Antes que se soubessem as notícias de maior importância da cidade, a vida íntima das pessoas, já Susette vaticinara o seu fim, a sua desgraça, a hecatombe das vidas pessoais, profissionais e sexuais. O maior escândalo era quando descobria que “eles nem sequer eram casados” ou que “aquilo era gente que andava às arrecuas da natureza”. Susette era uma sibila insinuante e proeminente, embora nunca tivesse lido Agustina.



Como dizer, Oliver nunca se conseguia satisfazer a si próprio com as escolhas que fazia. Ter de escolher era-lhe terrivelmente penoso. Era doloroso observar o seu desconforto, a todos os níveis. Do mais ínfimo pormenor à maior passada, Oliver nunca gostava das suas escolhas ou melhor, do resultado das mesmas. No restaurante, por exemplo, o simples acto de pedir comida parecia uma galopada de chalupa. Primeiro, pedia um prato, depois, pedia outro, depois, voltava ao primeiro. Depois, desistia. Pedia só entrada, corrigia, pedia duas entradas. Por vezes, dizia que já não tinha fome e pedia só sobremesa, por já estar cheio com o pão e as azeitonas. Quando vinha o que pedira, completamente estapafúrdio, na verdade, olhava contrariado ou porque era muita quantidade ou porque não era o que queria. Sofria, era certo, da síndrome de ansiedade perante o prato de comida. Não se percebia se ele não sabia ler os menus ou se, simplesmente, mudava de opinião, a cada minuto. Oliver sofria. Via-se-lhe, na cara a contrariedade, o sacrifício de comer algo de que afinal não gostava. E acabava sempre a não comer tudo, a levar para casa, a entornar as caixas de *take-away* no saco de papel dos jornais, no carro ou em cima das calças. Oliver era infeliz só porque nunca gostava do que pedia e das escolhas que fazia. Amiúde, acabava sempre a trocar o prato que pedira com o da pessoa que o acompanhava. Se ele tinha pedido peixe, preferia trocá-lo pela carne do parceiro. E vice-versa. E ainda, ao contrário, se esta história desse mais voltas. Mas acaba aqui. Sem escolhas.



“Vou à mercearia comprar castanhas. É Verão de São Martinho e o calor voltou para deixar saudades de futuro. Vou à mercearia, e quando o Sr. Manel me atende, não sabe que o meu pai morreu, e então, diz-me o preço do quilo das castanhas com uma entoação morna. Perscruto a entoação do merceiro como quem avalia um cantor lírico para uma temporada de ópera. Gostava que ele elevasse os agudos, cantasse pelo diafragma e fosse nobre nos gestos. Gostava de lhe gritar: «O senhor não sabe que o meu pai morreu! O meu pai morreu! O meu pai morreu!» E talvez ele até nem se impressionasse com isso. Em vez disso, o Sr. Manel fala de costas para mim, com o rabo espetado na minha direcção, as calças sem cinto a deixar vislumbrar um rego peludo, enquanto arrasta caixotes com dióspiros para debaixo do toldo. Penso então que o Outono podia ter sido o milagre que salvasse o meu pai. Comovo-me com as cores vermelhas das folhas dos liquidâmbares abundantes ao longo do rio Este. Se o meu pai tivesse olhado para o céu e avistado as cores de Outono, talvez ainda segurasse a vida com um leve suspiro. E o Sr. Manel virar-se-ia para o cumprimentar.”



— Olhe, desculpe, a minha personagem precisa da sua vida...

— O quê, outra! Mais uma escritora em busca de material. Não há pachorra! São todos iguais!

— Lamento, não tenho culpa de a vida das personagens andar pelas ruas da amargura...

— Vá buscar vidas a outra freguesia, desampare-me a loja!

— Mas, minha senhora, preciso desse seu sentido melancólico-existencialista. E da sua infância difícil em Freixo de Espada à Cinta. Não vê que o seu sofrimento combina na perfeição com os olhos castanhos da personagem?!

— Xô, escritores de rapina, xô!

— Oh, D. Adozinda, reconsidere por favor! Não se vai notar nada, eu mudo o nome da personagem para D. Alzira...

— Arre, que é reles. A minha vida é minha e não a dou para as suas histórias! Ponto!

— Mas o seu passado dá-me um jeitão. A minha personagem não tem infância e a sua encaixa que nem uma luva. Dê-me umas reticências, pelo menos...

— Vá roubar passados para o eléctrico 28 e deixe-me em paz!

— O mundo não percebe a necessidade de os escritores se alimentarem da realidade. A diferença entre a ficção e a realidade é que a ficção tem de fazer sentido...



Entrou no autocarro. Olhou-lhe para as ancas. Tinha de confirmar o carácter fértil da mulher que acabara de descortinar e poderia vir a ser a mulher da sua vida. Gostou automaticamente da cara, do cabelo lavado e cuidado, da maquilhagem suave, dos brincos de aço dourado, por debaixo das madeixas louras. Do pescoço, viu apenas uma larga *écharpe* azulada e dois sinais extremamente sensuais. Por conseguinte, tinha de confirmar se as ancas eram largas, as coxas bem fornecidas ou, pelo contrário, atléticas e magras. Sentou-se a seu lado e, instintivamente, inalou o perfume feminino. Era como o orvalho da floresta, depois de o sol irradiar e inebriar a passarada. Ou talvez, música de chuva na vidraça. Ou ainda, nevoeiro, em manhãs frescas de domingo. Sentou-se a seu lado, roçou o dedo mínimo na ponta da sua *écharpe* e viu toda a vida passar-lhe à frente: o beijo em frente ao altar, a espera nervosa na maternidade, os dias mornos de Verão numa casinha no Alentejo, os primeiros dentes de leite dos filhos, o dia em que o cão chegou a casa, os Invernos à lareira. Sentou-se no autocarro, ao lado da mulher da sua vida, embora ela não o soubesse, e foi feliz durante uns longos minutos até ela se levantar e sair na paragem seguinte.



Desde que o *die-thru* inaugurou, tem sido um virote. Com a mudança da lei, agora é possível morrer de forma abreviada, num simples serviço de passagem. Há muito que Martinho esperava por este tipo de serviço. À semelhança dos serviços de *pharmadrive* ou *fastfood*, aqui a morte é mais rápida e descomplicada. Martinho entra com o seu velho *Peugeot* no pórtico para o céu, escolhe o pacote pretendido no painel digital e dirige-se ao armazém respectivo. Sempre desejou uma morte sem Deus. Se este criou o mundo não ia gostar que uma criatura renunciasse à vida, por isso, avança para a solução laica. Assim, dispensa serviço religioso, velório em capela e carpideiras de serviço. O ser humano pode ser muito complicado, até na hora de desaparecer. Mas Martinho baseia a sua existência no niilismo ocidental, e por isso, tem a documentação em ordem para deixar os bens e o carro na reciclagem e seguir numa urna de PVC para um serviço limpo. Está às portas do céu, um céu pagão e físico, carrega no acelerador e avança para o serviço de *die-thru*. A morte é um produto como outro qualquer. O importante é a satisfação do cliente.



Tinha a mania de fugir de casa quando as coisas não lhe corriam bem. Aos 9 anos, por vezes, sentia-se tratado sem o respeito que julgava merecer. Lá por ser criança, não considerava que o pudessem destratar e lhe proibissem tudo, só para o controlarem. Pedro sentia-se já um homenzinho, perfeitamente adulto e capaz de tomar conta de si próprio. Mas tinha 9 anos. Por isso, quando lhe queriam impor, autoritariamente, regras domésticas e pessoais, fugia de casa. Normalmente, ia um pouco além do fim da sua zona de circulação e demorava mais meia hora do que o expectável. Sentia a rebeldia a subir-lhe com a adrenalina e, naquela meia hora, sentia-se livre e ousado. Imaginava que não voltaria a casa e encontraria uma nova vida à sua espera. Mas logo virava para trás e regressava, devagar. A verdade é que se se atrasasse ou desaparecesse, levaria uma tarefa, primeiro da avó e depois do pai, que a mãe, essa, tinha mesmo fugido de casa, sem fazer meia-volta.



Nunca pensou que podia encravar daquela maneira. Ficou em estado catatónico. A verdade é que atingiu o estado de felicidade pura, aquele patamar jamais alcançado pelos comuns mortais e, por isso mesmo, congelou de prazer. Ninguém poderia imaginar que atingir a felicidade absoluta acabasse com a procura e, portanto, congelasse o agente. Isadora sempre buscara a felicidade e, enquanto o fazia, vivia na vertigem da busca. Desenvolvia a acção da prossecução da dita, lutando por alcançá-la. Não pensara, porém, que chegar a esse patamar havia de remover toda a dinâmica e que, por isso mesmo, lhe bloquearia o movimento. Por isso, naquele momento em que se sentiu a alcançar a felicidade suprema, Isadora ficou sem saber o que dizer, o que sentir ou o que fazer. Estava tudo ali, o brilho, o êxtase, o culminar do almejado. Naquele estado de sentir pleno, já não havia nada mais a desejar nem a alcançar. Era a felicidade erigida em ideia.



Ludmila passou a trazer um grande saco de supermercado para transportar a sua dor. Parecia-lhe melhor assim, carregar a dor num saco grande onde esta pudesse caber à vontade, bem-acondicionada e com espaço de manobra. Era uma dor em crescendo, pelo que em certos dias, Ludmila tinha de trazer outro saco maior para onde a trasladar. A dor era como a morte em pensamento, um género de muro das lamentações, uma espécie de sombra devoradora. A verdade é que não aguentava mais carregá-la às costas nem à cabeça. Passou a transportá-la naquele grande saco, com alças, e logo a seguir, num carrinho de compras, daqueles com rodas grandes e espaço a rodos. Foi fácil roubá-lo num supermercado. A dor era exigente e precisava de ser transportada com requintes ambientais e primor na refrigeração. Ludmila já não aguentava mais trazê-la dentro de si, sem materializá-la. Transferi-la para o saco, e depois para o carrinho de compras, fora a melhor das opções. Estava satisfeita com o acondicionamento e aclimação da sua dor.



Antes de morrer, ainda se encontrava vivo. A notícia insólita da sua morte fora, assim, anunciada nas parangonas das colunas sociais. Edgar Manuel de Albuquerque e Sá estava efectivamente retirado da vida, assim como quem diz, falecido, que é como quem está, ou melhor, já não está. Era difícil elaborar esta nova realidade não já pertencente ao reino dos vivos. Apesar da sua retirada, continuava tão vivo na vida dos seus familiares que era difícil exercitar a sua ausência. Os filhos ainda lhe chamavam pai e a mulher ainda lhe tinha amor. No entanto, amavam uma quimera. Eddy, para os íntimos, já não era deste mundo, e com isso, escavava uma dor sem igual no estado de alma dos seus e na metáfora dos seus corações. Com a morte, a história ainda pertence aos que ficam, mesmo que o defunto se desintegre, ao partir para a infinitude cósmica. Eddy deixara um castelo de memórias materiais impossíveis de digerir. A cada manhã, a mulher tropeçava nos seus objectos, nos seus sapatos pelo caminho, na escova de cerdas gastas. Não havia ali já um abraço, mas sobravam os braços do seu casaco. Não havia a sombra do seu porte, mas o chapéu-de-chuva inglês aguardava a eternidade no bengaleiro do tempo. Edgar tinha deveras morrido, quando no entanto, um momento antes, ainda se encontrava bastante vivo. A vida alterava-se com a mudança do tempo, sempre se soubera. A verdade é que também havia bastante poesia em já não estar.



Acusada em tribunal de gostar demasiado do filho, Júlia responde perante o juiz. “É verdade que a senhora levava o pequeno-almoço à cama do seu filho?”, “Sim, Sr. Doutor Juiz, é verdade.”, “Tem consciência de que incorreu num delito hediondo, o crime de amor maternal?”, “Mas, Sr. Doutor Juiz, era só um bolinho de iogurte acabado de tirar do forno com chazinho de tília...”, “A Sra. D. Júlia tem conhecimento de que esse acto ilícito pode levá-la a cumprir pena de prisão?”, “Sim, confesso o crime de amar muito o meu Julinho, mas foi cometido por influência de hormonas maternas...”, “Não queira desculpar-se com a natureza nem a biologia. A senhora confessou ter consciência dos seus crimes e, por isso, este tribunal julgará em concordância. Outra questão, confessa que velou todas as noites, à cabeceira do seu filho, quando este se encontrava doente e chegou, inclusivamente, a confeccionar canja-de-galinha com miúdos?”, “Sim, Sr. Doutor Juiz, confesso...” “Para estes casos, a lei prevê prisão com pena suspensa ou uma multa de 100 000 euros. É também verdade que a Sra. D. Júlia o beijou e abraçou excessivamente, para além do razoavelmente aceitável, causando um impacto indelével na saúde do queixoso?”, “Confesso, Sr. Doutor Juiz, que cometi excessos imperdoáveis, sim.”, “O lesado apresentou queixa-crime por adoração e consequente bajulação do seu ego, a que a senhora, absurdamente, chama amor, carinho ou estímulo da auto-estima. Tem noção dos danos causados na vida da vítima?”, “Rogo-lhe que amortize a pena por estes

Outros títulos publicados pela autora

CHAPÉU-DE-CHUVA TRANSPARENTE, Edições Esgotadas, 2023
HISTÓRIA NUMA GARRAFA, Tecto de Nuvens, 2018
PEGADAS DE VENTO, Poesia, Tecto de Nuvens, 2008
30 CONSELHOS PARA EDUCAR O SEU FILHO, Plátano Editora, 2007
O Pequeno LIVRO DA MÃE GALINHA, Plátano Editora, 2004
O Pequeno LIVRO DA ETIQUETA e Bom Senso, Dom Quixote, 2001–2025
CARTA AO PAI, Gradiva, 2000

Infanto-juvenil:

MIGUEL E O AVIÃO DE PAPEL, Tecto de Nuvens, 2022
ANAMENTIROSA, História para adolescentes, Tecto de Nuvens, 2021
INÊS E A ÁRVORE AURORA, Tecto de Nuvens, 2021
MÃE, O QUE É DEUS?, Filosofia, Ciência e Religião, Nova Delphi, 2014
O DIA EM QUE O MUNDO DESAPARECEU, co-autoria Vasco Serôdio, A. Edições, 2013
O GAFANHOTO GAROTO NÃO PODE BRINCAR, Nova Delphi, 2012
O MENINO NATAL E O PAI JESUS, Afinal, o que é o Natal?, Coisas de Ler, 2009
VASCO DAS FORÇAS, *O bullying*, Coisas de Ler, 2009
ETIQUETA PARA CRIANÇAS, *Guia de Cidadania*, Plátano Editora, 2006

Contos premiados e publicados:

“HOMEM-RATO ou quase tanto”, *Dez contos dois mil e vinte e três*, Prémio Literário Luís Vilaça 2024

“A MORTE DO PAI”, *Jornal de Leiria*, 2023/ Livro “Alfabeto Global” 2025 (coordenação: Paulo Kellerman)

“O HOMEM DO BIGODE”, MELHOR CONTO 2022, Prémio Literário Albertino dos Santos Matias, Fundação Lapa do Lobo, Edições Esgotadas, 2022

“FELINOS PARA SEMPRE”, Camões Instituto Português de Praga, ilustração Helder Teixeira Peleja, 2021

“ABRAÇAS-ME”, Menção honrosa no Concurso Literário do Piquenique Anual dos Amigos de Monserrate. Júri: Isabel Alçada e Margarida Fonseca Santos, 2019

“O PROFESSOR”, 4.º lugar no Concurso TALENTOS OCULTOS, Edições Ediserv, Porto, 2014

“A MADRASTA DO JOÃO”, *1001 HISTÓRIAS DE INFÂNCIA*, Edições Incógnita, 2014

“A AUXILIAR”, *A MAGIA DAS CHAVES*, Edições Vieira da Silva, 2013

Pode seguir a autora em:

https://www.instagram.com/maria_saraiva_de_menezes

<https://mariasaraivademeneses.substack.com>

<https://educacaoliteraturaecultura.blogspot.com>

<https://www.facebook.com/maria.saraivademeneses>

<https://www.facebook.com/Historianumagarrafa>

<https://www.facebook.com/História-num-copo-dágua>